



## **ECOLINGUÍSTICA: A HISTÓRIA DE UMA IDEIA VERDE PARA O ESTUDO DA LINGUAGEM<sup>1</sup>**

Alwin Fill (Universidade de Graz)

**Resumo:** Este artigo apresenta um esboço da história da ecolinguística, mostrando que ela já estava em germe em Humboldt, Sapir e Whorf. Salienta que um dos primeiros a relacionar ‘língua’ e ‘ecologia’ foi Voegelin, vindo logo a seguir Einar Haugen. Este último foi seguido até certo ponto por William Mackey, Norman Denison e Harald Haarmann. Mostra que o termo ‘ecolinguística’ apareceu pela primeira vez em 1976, em um livro de Henri Gobard, reaparecendo em Kurt Salzinger em 1979 e em Claude Hagège em 1985). A seguir, são apresentadas três correntes da ecolinguística (ecologia linguística, ecologia da língua e ecologia das línguas). Toca na questão do antropocentrismo impregnado nas línguas, juntamente com algumas de suas consequências. Para camuflar esse vezo, às vezes se usam eufemismos. Fala do estado atual e do futuro da ecolinguística, que se apresenta promissor, embora ela ainda precise convencer sobre como pode contribuir para salvar línguas em perigo de extinção. Precisa também mostrar como se pode fazer pesquisa “transdisciplinar”, que método usar para isso etc. De um modo geral, a proposta de Haugen veio em boa hora.

**Palavras-chave:** História da ecolinguística; Antropocentrismo; Ecologia linguística.

**Abstract:** This article sketches the history of ecolinguistics, showing that its seed were already in authors such as Humboldt, Sapir and Whorf. The first investigator to associate ‘language’ and ‘ecology’ was Voegelin and collaborators. But, the first to suggest the use of the ecology metaphor in language studies was Einar Haugen, who was followed by William Makey, Norman Denison and Harald Haarmann. The article also shows that the term ‘ecolinguistics’ was first used in print in 1976, by Henri Gobard, and, a little later, by Kurt Salzinzer, in 1979, and by Claude Hagège in 1985. Further, three branches of ecolinguistics emerging (linguistic ecology, ecology of language, and ecology of languages). Among the other themes investigated by ecolinguistics we find anthropocentrism, sometimes hidden under euphemism. Ecolinguistics is relatively consolidated, and its future is promising, although ecolinguists must show how it can contribute to rescue endangered languages as well as how to do “transdisciplinary” researches. Which methods to use. In the end, Haugen’s proposal has been shown to be very fruitful.

**Keywords:** History of ecolinguistics; Anthropocentrism; language ecologies.

### **1. Introdução: As raízes da ecolinguística**

“As raízes da ecolinguística” (Mühlhäusler, 1998) podem ser encontradas no trabalho de pensadores como Edward Sapir, Benjamin Lee Whorf, e também de Wilhelm von

---

<sup>1</sup> Traduzido do inglês por Maria Jandyra Cavalcanti Cunha.

Humboldt (cf. Makkai 1996). Humboldt, Sapir e Whorf reconheceram a ligação entre linguagem e cultura e conscientizaram-se do fato de que a diversidade nas visões de mundo está diretamente ligada à diversidade linguística.

A história mais recente da ecolinguística, contudo, começa com Einar Haugen, um linguista estadunidense nascido em 1906 de pais imigrados da Noruega para onde, quando o filho ainda era criança, retornaram. Anos mais tarde, a família voltaria a viver nos Estados Unidos, o que gerou em Haugen uma preocupação com o futuro dos pais em seu novo *habitat* em comunidades americanas. Essa experiência pessoal foi também a razão de seu interesse pelas línguas escandinavas durante toda a sua vida. De 1964 a 1974, Haugen foi professor de línguas escandinavas e linguística na Universidade de Harvard. Morreu em 1994, com 88 anos de idade. Para a continuação desta revisão histórica, veja também Couto (2007: 47-63) e Couto (no prelo).

Em 1970, Haugen deu uma palestra intitulada ‘A ecologia da linguagem’, na qual ele fez uso de uma metáfora que havia sido cunhada por Carl e Florence Marie Voegelin, dois sociolinguistas que pesquisavam a relação entre língua e cultura no sudoeste dos Estados Unidos. Os Voegelins eram linguistas da tradição de Boas e Sapir, interessavam-se pelas línguas nativas norte-americanas e preocupavam-se com o perigo de extinção que ameaçava essas línguas. No trabalho ‘Languages of the world; native America Fascicle One’ (1964: 2), eles haviam escrito a respeito de uma ecologia de ‘interlíngua’ e de ‘intra-língua’ e sugerindo que “na ecologia linguística, começa-se não com uma língua em particular, mas com uma área determinada; sem a atenção seletiva a poucas línguas, mas com a atenção abrangente de todas as línguas daquela área”. É essa ideia da “atenção abrangente de todas as línguas” em uma determinada área que foi introduzida com o termo ‘ecologia’.

A palavra ‘ecologia’ como termo técnico das ciências da vida foi cunhada pelo biólogo alemão Ernst Haeckel em 1866, com o significado de inter-relações entre organismos, e entre organismos e seu meio ambiente. Haugen – cuja palestra de 1970 foi publicada em 1972 em um livro com o mesmo título (o trabalho foi reimpresso em 2001; todas as citações usadas neste artigo foram retiradas dessa reimpressão) – definiu “ecologia da língua” como “o estudo das interações entre qualquer língua e seu meio ambiente” (2001: 57).

Na década de 1950, Haugen experimentara “em primeira mão” – como ele próprio afirma – como, em ambiente americano, a língua norueguesa cedeu à influência do inglês

estadunidense em comunidades de imigrantes. Ele observou que uma “língua de imigração” (2001: 64) se desenvolveu a partir de um estado de bilinguismo com “mudança ou alteração de código”. Em particular, Haugen interessou-se pelos processos que se desenvolviam nas mentes dos falantes e que, como resultado, afetavam a comunidade e sua cultura. Desse interesse, ele chegou a uma divisão a respeito da ecologia da língua que expressou da seguinte forma:

Parte da ecologia [da língua] é psicológica: sua interação com outras línguas nas mentes dos falantes bi- e multilíngues. Outra parte da ecologia é sociológica: sua interação com a sociedade na qual ela funciona como meio de comunicação. A ecologia da língua é determinada primariamente pelas pessoas que a aprendem, usam-na e transmitem-na a outros (2001: 57).

Haugen se distancia das metáforas biológicas da língua que falam de ‘nascimento’, ‘vida e ‘morte’ das línguas, apesar de que ele reconhece o valor heurístico de tais metáforas. Com sua própria metáfora ecológica, ele sublinha o aspecto inter-relacional do contato linguístico. Em outras palavras, ele enfatiza o fato de que o contato linguístico nunca é somente uma influência unilateral, mas trabalha em ambas as direções (cf. Couto 2009). Assim, a ecologia da língua estuda – a partir da perspectiva inter-relacional – fenômenos que já foram examinados com nomes como psicolinguística, etnolinguística, antropologia linguística, sociolinguística e sociologia da linguagem. Os linguistas têm se preocupado com [esse estudo] em trabalhos sobre mudança linguística e variabilidade, contato linguístico, bilinguismo e padronização” (Haugen, 2001: 58). Dentre os linguistas que Haugen menciona como tendo realizado trabalhos sobre os fenômenos da ecologia linguística estão estudiosos bem conhecidos como Uriel Weinreich, Charles A. Ferguson, William Labov, John Gumperz, Joshua Fishman and Dell Hymes (Haugen, 2001: 59).

Uma vez que me referi, em trabalho anterior (Fill, 2001: 44), à palestra na qual a metáfora ecológica de Haugen foi utilizada na década de 1980 e nos primeiros anos de 1990, permitam-me mencionar apenas alguns momentos importantes desse uso metafórico. William F. Mackey (1980/2001) referiu-se especificamente ao trabalho de Haugen quando descreveu o fenômeno da mudança de língua no Canadá em termos de “a ecologia da mudança linguística”. Norman Denison, em muitos de seus artigos, adota a metáfora haugeniana em relação às línguas e dialetos da Europa. Em um trabalho intitulado “A linguistic ecology for Europe?” (1982/2001), pela primeira vez ele liga a ecologia linguística com a economia, levantando questões sobre os custos da ‘pluriglossia’ e,

particularmente, da manutenção de minorias linguísticas nos diversos estados da Europa. Harald Haarmann, que mais tarde se tornou conhecido por seu trabalho sobre as línguas minoritárias do mundo (cf. Haarmann, 2001), usou o termo “relação ecológica” para a inter-relação entre língua e etnicidade em 1986. Peter Mühlhäusler, também usou “ecologia linguística” anteriormente, quando (em um trabalho publicado em 1992) argumentou que não são as línguas individuais que devem ser preservadas, mas as “ecologias linguísticas”. Mühlhäusler (1995) também estava entre os primeiros a ver a relação entre diversidade linguística e diversidade biológica, um tópico que, nesse meio tempo, foi estudado extensivamente por autores como Daniel Nettle (1998, ver também Nettle & Romaine, 2000: 41-49; William Sutherland, 2003, entre outros).

## 2. Ecolinguística

O termo *Ecolinguística* foi primeiramente usado há cerca de 40 anos. Na *Ecolinguistics List* (08/01/ 2013), Hildo Honório do Couto escreveu sobre a origem do termo o que segue abaixo:

Hoje me deparei com a seguinte passagem do livro *L'Aliénation linguistique: analyse tétraglossique*, de Henri Gobard (1976): "...etno-psico-sociolinguística da política cultural, que poderia ser o objeto de uma nova disciplina proposta por J. D. Palmer: a ecolinguística" (p. 45).

Ele [Gobard] acrescenta que Palmer a propôs em 1973. Essa seria verdadeiramente a primeira ocorrência [*escrita*] do nome da nossa disciplina. A propósito, Adam Makkai me disse que Einar Haugen tinha sugerido oralmente a palavra [*ecolinguística*] a ele durante um congresso em Chicago em 1972.

O termo “ecolinguística” foi depois usado por Kurt Salzinger (1979) e, sob a forma francesa “*écolinguistique*”, por Claude Hagège, em seu livro *L'homme de paroles* (1985: 146 f.). Nesse trabalho, Hagège fala de *écolinguistique* como um estudo do futuro, que trataria de fenômenos “naturais”, como características topográficas, relações entre humanos e outros organismos e fenômenos cósmicos, e como eles se integram com as línguas e as culturas. Em 1980, Dwight Bolinger apontou a conexão entre língua e problemas ecológicos e ambientais, tais como a poluição da água e do ar (1980: 182). Assim, vemos que muito cedo o termo já havia sido usado para determinar modos pelos quais determinadas línguas se relacionam com a natureza e com o ‘meio ambiente’ (aqui usado literalmente) dos humanos. Especialmente com o advento da análise crítica do

ciscurso, o estudo da língua e dos problemas ambientais se desenvolveram em um ramo independente dentro da ecolinguística, que foi particularmente influenciado pelo trabalho de Michael Halliday (1990/2001) e Peter Mühlhäusler (2003, ver também Harré, Brockmeier & Mühlhäusler, 1999).

Hoje, usamos ‘ecolinguística’ como um termo geral para o estudo da língua e seu contexto. Dentro desse estudo, pelo menos três correntes de pesquisa se desenvolveram, tendo elas sido definidas por Couto (2007: 42) da seguinte forma:

- **Ecologia linguística** = o estudo das relações entre língua e ‘problemas ecológicos’ (poderia ser chamada de ‘Linguística Ambiental’)
- **Ecologia da Língua** = estudo das relações entre língua e seu ambiente social, mental e físico, na área onde ela é usada e na mente do falante que a usa.
- **Ecologia das línguas** = estudo da inter-relação entre línguas; ex.: pidginização e crioulização, língua ameaçada e morte de línguas.

### 2.1 Ecologia Linguística

Os congressos da Associação Internacional de Linguística Aplicada (AILA) tiveram um papel crucial no desenvolvimento da ecolinguística como uma parte independente da linguística, em especial o ramo que investiga o papel da língua no surgimento (e na possível mitigação) dos problemas ecológicos.

No IX Congresso da AILA em Tessalônica, na Grécia, em 1990, o linguista e teólogo norte-americano (de pais holandeses) Frans Verhagen organizou duas reuniões nas quais estabeleceu uma rede de pessoas de todas as partes do mundo interessadas no tema língua e ecologia.

Foi no mesmo congresso da AILA em Tessalônica que Michael Halliday ministrou a principal conferência, ‘New Ways of Meaning: the challenge to Applied Linguistics’, na qual ele mostrou o poder “construtor” da língua, cujo sistema nos faz pensar de certos modos, de forma a adotarmos ideologias não ecológicas. Seu pronunciamento “língua não corresponde; ela constrói” (2001: 185) é o princípio básico do construtivismo (*constructionism*) que admite que a língua não apenas reflete a realidade, mas ativamente a molda, criando atitudes, opiniões e ideologias. Entre essas ideologias estão aquelas que muitos milhares de anos atrás levaram ao ‘sucesso’ da espécie humana:

## ECO-REBEL

desenvolvimentismo (*growthism*), a crença na inexauribilidade de recursos, antropocentrismo e ‘especiismo’. Halliday escreve (2001: 198):

A maior questão é o desenvolvimentismo na gramática; e nós vimos quão profundamente engramatizados são os motivos do crescimento *versus* o encolhimento, da inexauribilidade de nossos recursos materiais, da passividade do ambiente inanimado e da singularidade da humanidade, no lugar de nossa continuidade com a criação. Essas e outras características do sistema linguístico constroem nossa experiência de tal forma que acreditamos poder nos expandir para sempre – nossos números, nosso próprio poder e domínio sobre as outras espécies, nosso consumo e o chamado ‘padrão de vida’.

Isso leva-nos às seguintes questões:

- a. Em que medida o sistema linguístico (para Halliday: ‘a gramática’) contém elementos que são problemas para os biólogos, físicos e “a comunidade de linguística aplicada” (i.e., elementos não ecológicos)?
- b. De que maneira essas características linguísticas influenciam o pensamento e a ação das pessoas?
- c. Como a língua pode ser usada para moldar a visão biocêntrica do mundo, distinta de uma visão excessivamente antropocêntrica e mecânica? (cf. Verhagen, 1991: 117)

A opinião de Halliday é de que o sistema linguístico realmente influencia nossos pensamentos e o modo como nós vemos o mundo, ou, em outras palavras, **constrói** a realidade para nós. Aqui está uma lista de elementos não ecológicos no sistema da língua (‘a gramática’) que, de acordo com Halliday estão desatualizadas. Nas próprias palavras de Halliday: “há uma síndrome de características gramaticais que conspiram [...] para construir a realidade de um certo modo, e é um modo que não é bom para a nossa saúde como espécie”. (2001: 194 f.):

- - Inúmeros substantivos para energia, ar, água e solo, assim como carvão e ferro, sugerem inexauribilidade de recursos (Halliday, 2001: 194). As línguas americanas nativas (ex. hopi) não denominam esses recursos como substantivos incontáveis.

## ECO-REBEL

- Lógica de dois valores (no sentido de Aristóteles): o sistema binário. O sistema binário ‘sim’ e ‘não’, que, contudo, pode ser evitado com o uso de “na maioria das vezes”, “de uma certa maneira”, etc.
- Contrastes (grande vs. pequeno; montanha vs. vale; natureza vs. cultura; etc.). A língua sugere contrastes onde na realidade não existe contraste (o que é ‘pequeno’ em um contexto pode ser ‘grande’ em outro).
- Palavras relacionadas a crescimento servem como termos neutros: Quão rápido é o carro? Quão longa é a jornada? Nós nunca dizemos coisas como: quão devagar é o carro? Quão pequena é a casa? “A gramática do ‘grande’ é a gramática do ‘bom’, enquanto que a gramática do ‘pequeno’ é a gramática do ‘ruim’”.
- Pronomes possessivos (minha terra, meu cachorro) sugerem propriedade humana sobre a natureza.
- Humanos vs. animais: animais são tratados diferentemente dos humanos no vocabulário; há, por exemplo, palavras diferentes para prole, comer e morrer – por exemplo, em inglês, *pregnant* (humanos) vs. *gravid* (animais)<sup>2</sup>, em alemão: *essen* vs. *fressen*, *sterben* vs. *eingehen* ou *kaputt gehen* (= quebrar, como uma máquina)
- Nossos sistemas de escrita favorecem a fragmentação.

Todos esses fenômenos linguísticos foram “importantes para a nossa sobrevivência, no estágio da história que está agora chegando ao fim”. Mas eles impõem “uma estreita descontinuidade entre nós mesmos e o resto da criação ...” (Halliday, 2001: 195). Hoje as ideologias sobre o desenvolvimentismo, antropocentrismo e especismo são datadas e, em último caso, podem ser perigosas para todas as manifestações de vida neste planeta, incluindo a humana. Não podemos mudar “as camadas internas da gramática”, mas o que podemos fazer é chamar a atenção para os fatos da língua que promovem uma ideologia do desenvolvimento e separam os humanos dos outros seres vivos. (cf. Halliday, 2001: 196).

A palestra de Halliday foi publicada primeiramente no *Journal for Applied Linguistics* (jun. 1990: 7-36) e depois disso republicada diversas vezes. Tornou-se um artigo

---

<sup>2</sup>(N.T.) Em português, os termos usados são ‘grávida’ (humanos) e ‘prenha’ (animais); comer vs. devorar; falecer vs. quebrar.

realmente influente e um alerta para muitos linguistas; de repente, eles entenderam que a linguística aplicada tem dimensões que em muito transcendem aquelas que dizem respeito ao ensino de línguas em geral e de inglês para fins específicos, tradução e outras áreas tradicionais.

A linguística aplicada, depois da palestra de Halliday, tornou-se uma ciência ambiental na qual a posição dos humanos passou a ser reexaminada e sua liderança na terra questionada.

### 2.1.2 Antropocentrismo: animais, terra

Nesta sessão, de forma mais detalhada, discutimos um dos pontos da crítica de Halliday, ou seja, a separação de humanos do resto da criação.

A respeito dos animais, este tópico já foi discutido muitas vezes (ex.. em Fill, 2010: 184-186). Entretanto, o ‘antropocentrismo’ também está sendo usado no discurso sobre madeira e terra, como mostram os itens lexicais mencionados a seguir. Neles a utilidade da madeira e da terra para os humanos é enfatizada (fonte: Schultz, 2001: 113 f.):

- Os termos ‘madeira macia’ (*softwood*) e ‘madeira dura’ (*hardwood*) expressam de que maneira a madeira é útil para os humanos. Uma descrição não antropocêntrica denominaria as árvores pelo seu nome (como carvalho e pinheiro).
- A palavra ‘recurso’ enfatiza o uso que fazemos de alguma coisa (para obter energia, para construção etc.). Uma linguagem não antropocêntrica especificaria o que está sendo referido, por exemplo: uma floresta, terra, um rio, etc.
- A expressão ‘limpar a terra’ (*to clear land*) soa positiva, como se a terra estivesse anteriormente em desordem e tivesse ficado limpa. No entanto, o que realmente significa é que a vegetação foi removida da terra.
- Em inglês, a expressão ‘*to develop a mountain*’, desenvolver a montanha, soa como se a montanha estivesse recebendo alguma vantagem. Na realidade, é uma expressão antropocêntrica usada para indicar que a montanha está se tornando economicamente interessante para os humanos, após a construção de estradas e teleféricos.

## ECO-REBEL

O que segue é parte de um texto antropocêntrico sobre paisagem, no qual é expressa a utilidade (ou inutilidade) da terra para os humanos.

De fato, grande parte da terra que é tão fortemente defendida como ‘cinturão verde’ do sudeste não composta por campos belos e verdejantes, mas por terra imunda, semiabandonada que não tem utilidade. (*The Times*).

‘Cinturões verdes’ fazem a terra parecer ‘bela’ e ‘útil’ – ao menos para quem vive ou veraneia ali. ‘Imunda’, ‘semiabandonada’ e ‘sem utilidade’, entretanto, sugerem inutilidade para os humanos. O fato de a terra provavelmente ser o *habitat* de muitos animais e plantas é ignorado nessa descrição.

Similarmente, as descrições que encontramos nas “trilhas ecológicas” (*Nature trails*) frequentemente enfocam a utilidade do fenômeno natural para os humanos. Por exemplo, podem ser dadas informações sobre:

- por que certa árvore é ‘útil’ e a idade que ela deve ter para ser usada;
- por que certo pássaro é útil (ex.: quantos insetos ele come por dia);
- por que as formigas são úteis (quantas pragas elas destroem a cada dia).

Poderíamos argumentar que mesmo o termo inglês *environment*, meio ambiente, é antropocêntrico, porque coloca os humanos no centro e descreve o que está ao seu redor. Para mostrar que os humanos também são parte do ‘environment’, sugiro ‘human and natural environment’ (ambiente natural e humano) ou, usando um neologismo, *convirionmet* (com o seu equivalente em alemão, *Mitwelt*).

Outra forma de antropocentrismo é o uso de **eufemismos** para o modo como nós tratamos e usamos a natureza. Por exemplo, há muitos eufemismos que fazem o nosso uso dos animais para comida, vestuário e objetos de experimentação parecerem simples atividades industriais ou mecânicas. As palavras ‘morte’, ‘assassinato’, ‘extermínio’ e ‘veneno’ são evitadas e nós as lemos como: ‘produção de carne’, ‘proteção vegetal’ e ‘experimentos toxicológicos’.

Em particular, o uso que fazemos da pele dos animais como material para o vestuário tem que ser linguisticamente escondido, de maneira que os compradores de pele não se conscientizem das matanças. Por isso, nos anúncios, é possível encontrar a palavra

‘groelandês’, *Greenlander*, quando a referência for uma pele para a qual um grupo de focas deu a sua vida, ou a palavra russa *sobaki* para uma pele feita do couro de cachorros. Um caso especial é a linguagem da caça, na qual as partes do corpo de um animal são frequentemente chamadas como coisas (ex. pernas como ‘patas’).

### 2.2 A ecologia das línguas

Voltemos à ‘ecologia das línguas’ no sentido haugeniano. Nos últimos anos, o estudo dos contatos e das inter-relações entre línguas tem sido bastante dominado por uma ameaça à qual muitas línguas estão expostas. Ainda que por muito tempo as ideologias de “um país – uma língua” tenham prevalecido no mundo, desde então os governos começaram a se dar conta de que a diversidade linguística pode ser mais um bem do que uma obrigação e que, com o desaparecimento das línguas, pode haver um perigo real de as culturas e visões de mundo se tornarem irremediavelmente perdidas.

Quando em 1912 o Presidente Theodore Roosevelt, dos Estados Unidos, disse: “Nós temos espaço para apenas uma língua neste país e esta é o inglês” (citado por Nettle & Romaine, 2000: 193-194), um governante no século XXI (pelo menos nominalmente!) faria um apelo pela manutenção da diversidade linguística no seu país.

Interessantemente, foi mais ou menos na época da palestra de Haugen (1970) que a mudança das atitudes gerais relacionadas à diversidade linguística passou a ter lugar. O movimento verde, o surgimento das contraculturas e fatos similares podem ter sido parcialmente responsáveis por essa mudança. Entretanto, sendo eu linguista, arriscaria a dizer que foi também o incansável trabalho de acadêmicos como Haugen que trouxe à luz um novo interesse pela inter-relação e diversidade e uma melhor avaliação da “pequenez” – e isso em todas as esferas da vida, incluindo as formas de comunicação.

Hoje as políticas linguísticas não mais objetivam a unificação e uniformização a todo custo, mas (pelo menos aparentemente!) geralmente incluem o aumento da diversidade e a manutenção das minorias linguísticas. O cuidado nos parênteses da sentença anterior é necessário porque, na verdade, muitos governos ainda estão relutantes em colaborar com a manutenção da diversidade linguística, particularmente porque envolve apoio financeiro de vários tipos. Por isso, Robert Phillipson – em seu livro sobre políticas linguísticas na Europa (2003) desmascara as políticas linguísticas da União Europeia e argumenta que elas são hipócritas e, na realidade, só servem para divulgar mais o inglês.

Embora possa ser assim, *ao menos aparentemente*, a diversidade linguística e cultural são agora vistas como uma coisa boa, e o desaparecimento de línguas e culturas é deplorado em todo o lugar. Livros sobre o perigo de extinção de línguas proliferaram, e foram fundadas dúzias de organizações que se dedicam à manutenção de línguas minoritárias. Antes que eu retorne à história mais recente da ecolinguística, deixem-me repetir que, sem dúvida, o trabalho dos linguistas teve um papel importante neste novo interesse pela diversidade. Em uma época em que línguas morrem todo o ano e culturas minoritárias estão sendo engolidas pelas majoritárias, mais linguistas são urgentemente necessários para desenvolver as tarefas práticas de registrar e documentar as línguas minoritárias tanto quanto criar autoconfiança em seus falantes.

### 3. O estado atual e futuro da Ecolinguística

Hoje (2013), a ecolinguística pode ser considerada como um campo razoavelmente estabelecido da linguística. Incluindo as oficinas da AILA, mais de vinte congressos e simpósios internacionais já foram realizados em áreas temáticas sob o rótulo de “ecolinguística”. A AILA tem dado atenção a “língua e ecologia” ao estabelecer uma “comissão científica” para o tema e garantir outra palestra central (depois da de Halliday) no congresso de 1999, em Tóquio. Um volume temático contendo 28 importantes artigos nesta área foi publicado (Fill; Mühlhäusler, 2001), e um periódico *online*, *Language and ecology* (editado por Arran Stibbe) está disponível no seguinte endereço: [www.ecoling.net](http://www.ecoling.net). Adotando a ideia de Couto, Stibbe também estabeleceu a “Ecolinguistics List” como um fórum por meio do qual os ecolinguistas do mundo podem trocar ideias e enviar mensagens.

Ainda que *ecolinguistics* não seja ainda uma entrada no Oxford English Dictionary (OED), uma busca na internet (no *Google*) hoje (jan. 2013) alcança cerca de 1.500 endereços na rede (contra 1.260 in 2005). Em muitos centros de pesquisa em todo o mundo, está sendo conduzida investigação teórica e empírica em ecolinguística. A University of Southern Denmark, em Odense, abriga uma delas (Jørgen Døør e Jørgen Bang sendo os cérebros principais), Bielefeld (Alemanha) tem outro (com Peter Finke como fundador do Research Centre for Cultural Ecology, e também Wilhelm Trampe), e Graz (Áustria) como um terceiro, onde muitos simpósios sobre ecolinguística já foram realizados. No Brasil, a ecolinguística também tem seguidores antigos como Francisco Gomes de Matos (UFPE) e Hildo Honorio do Couto (Brasília), que tem feito muito para

divulgar o tema na América do Sul. Muitas dissertações de mestrado e teses de doutorado já foram escritas com o paradigma da ecolinguística e também com o seu *background* teórico. Em várias universidades, particularmente na área de falantes de alemão, foram ministrados cursos em seminários com tópicos da ecolinguística.

Apesar desses sucessos, muito precisa ser feito na pesquisa em ecolinguística. Algum trabalho teórico tem sido conduzido, mas falta a sua aplicação. Primeiramente, falta mostrar como uma abordagem ‘holística’ para a linguagem pode ser conseguida e quais métodos podem ser empregados para mostrar a inter-relação entre língua, humanos e natureza.

Determinados fenômenos da linguagem são de fato (parcialmente) responsáveis pela degradação do meio ambiente e por outros problemas de nosso tempo – mudança climática sendo um deles? Podemos fazer alguma coisa sobre essas questões ao mostrar o cenário linguístico (no sentido de Halliday)? Seria também desejável que tivéssemos mais estudos contrastivos para tornar possível comparar as línguas da terra em relação ao antropocentrismo (e outros pontos mencionados por Halliday)?

Uma segunda tarefa da ecolinguística seria mostrar como a ideia de Haugen, de transferir ‘ecologia’ da biologia para as línguas, pode ser empregada com êxito na tarefa urgente de salvar as línguas ameaçadas e ajudar a criar uma consciência da importância de mantê-las. Será possível fazer as pessoas e os governos pensar em ecologias linguísticas ao invés de línguas individuais? Há um método de ecologia biológica que possa ser transferido para a ecologia linguística? Também a integração da ‘economia linguística’ em ecolinguística é urgentemente necessária: na nossa era da globalização não é suficiente enfatizar que toda língua incorpora uma visão de mundo e que, com a morte de uma língua, morrem o conhecimento e a experiência humanos que foram adquiridos por muitos e muitos anos? O aspecto econômico da diversidade e da manutenção linguísticas têm que ser levados em conta também: qual é o custo de manutenção de uma língua minoritária, quantos empregos ela cria, e as pessoas que a usam conseguem ganhar mais? Essas são questões para as quais os governos querem respostas dos linguistas (sobre esse tema, ver, entre outros, Grin & Vaillancourt, 1997). A ecolinguística também terá que considerar os aspectos da língua: a relação estreita entre língua e cultura é presumida por todo mundo, mas pesquisa adicional sobre sua inter-relação é urgentemente necessária.

Finalmente, no nível da teoria, uma integração e ligação entre os diferentes campos da ecolinguística ainda é uma aspiração. Critica-se que as áreas da “ecologia da linguagem”

(que estuda a inter-relação das línguas em seu contexto) e da ‘eco-crítica’ (ecologia linguística, que estuda o papel da língua em relação aos problemas ambientais) estão apenas tenuemente conectadas e não formam um campo homogêneo de estudo.

Ecolinguistas ainda são estudiosos que se preocupam com o contato e a diversidade linguística ou ambientalistas interessados no papel que a língua representa na degradação ecológica, mas dificilmente eles estão interessados em ambos campos. Por um lado, a pesquisa futura em ecolinguística terá que prover uma teoria ‘transdisciplinar’ que una essas áreas, e, por outro, focar nos aspectos aplicados e mostrar o uso prático do paradigma.

Em qualquer direção que vá a pesquisa, não há dúvida de que a ideia criativa de um estudioso americano de pais noruegueses, que estava preocupado com o destino de sua língua nativa nos Estados Unidos, teve um sucesso notável. Não é mais verdadeiro dizer que as pessoas se preocupam com o cachalote que está morrendo, mas não com as línguas que estão desaparecendo. A introdução por Haugen do termo ‘ecologia’ na linguística contribuiu para repensar o valor da diversidade. Para concluir este relato, permitam-me citar o parágrafo final de um artigo de Ludwig Fischer (2002: 76), no qual a ideia por trás da ecologia das línguas parece apropriadamente expressar o seguinte:

Salvar línguas e trabalhar por uma democracia etnolinguística global não é um luxo idealístico e impraticável nem um contra-ataque à língua inglesa, mas uma necessidade premente, urgente e essencial para o surgimento de uma comunicação global adequada e sustentável.

### Referências

BOLINGER, D. *Language – the Loaded Weapon. The Use and Abuse of Language Today*.

Londres: Longman, 1980.

COUTO, H. H.. *Ecolinguística: Estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília:

Thesaurus, 2007.

\_\_\_\_\_. *Linguística, ecologia e ecolinguística. Contato de línguas*. São Paulo: Contexto, 2009.

\_\_\_\_\_. Ecological approaches in Linguistics: a historical overview. *Language and Sciences*, v. 14, 2014, p. 122-128.

FILL, F. A. Ecolinguistics – State of the Art 1998. In: Fill; Mühlhäusler (orgs.), 2001, p. 43-53 [originalmente publicado em 1998].

\_\_\_\_\_. *The Language Impact. Evolution – System – Discourse*. Londre: Equinox, 2010.

## ECO-REBEL

- \_\_\_\_\_. Mühlhäusler, Peter (orgs.). *The Ecolinguistics Reader. Language, Ecology and Environment*. Londres: Continuum, 2001.
- FISCHER, L. The Conservation of Conversation beyond English. In: FILL, F. A; TRAMPE, W; (orgs.) *Colourful Green Ideas*. Berna: Peter Lang, 2002, p. 59-76.
- GRIN, F.; VAILLANCOURT, F. The Economics of Multilingualism: Overview of the Literature and Analytical Framework. In: GRABE, W. (org.). *Multilingualism and multilingual communities*. Cambridge: CUP, 1997 p. 43-65.
- HAARMANN, H. *Language in Ethnicity. A View of Basic Ecological Relations*. Berlin, New York, Amsterdam: de Gruyter, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Die Kleinsprachen der Welt. Existenzbedrohung und Überlebenschancen. Eine umfassende Dokumentation*. Frankfurt/M: Peter Lang, 2001.
- HAGÈGE, C. *L'homme de paroles*. Contribution linguistique aux sciences humaines. Paris: Arthème Fayard, 1985.
- HALLIDAY, M. "New ways of meaning: the challenge to Applied Linguistics," in: Fill / Mühlhäusler (orgs.). 2001 p. 175-202 [originalmente publicado em 1990]
- HARRÉ, R.; BROCKMEIER, J.; MÜHLHÄUSLER, P. *Greenspeak. A Study of Environmental Discourse*. London: Routledge, 1999.
- HAUGEN, E. *The Ecology of Language. Essays by Einar Haugen*. Ed. Anwar S. Dil. Stanford: Stanford U.P., 1972.
- \_\_\_\_\_. The Ecology of Language. In: Fill; Mühlhäusler (orgs.), 2001, p. 57-66 [originalmente publicado em Haugen (1972: 325-339)].
- MACKAY, W. F. The Ecology of Language Shift. In: Fill; Mühlhäusler (orgs.), 2001, p. 67-74 [originalmente publicado em 1980].
- MAKKAI, A. "Die Welt als Bewusstsein und Paraphrase. Zur gesamtökologischen Fundierung des menschlichen Sprachverständnisses mit besonderer Berücksichtigung der Sprachphilosophie Wilhelm von Humboldts. In: Fill, Alwin (org.). *Sprachökologie und Ökolinquistik*, Tübingen: Stauffenburg, 1996, p. 77-91.
- MÜHLHÄUSLER, P. Preserving Languages or Language Ecologies. A top-down approach to language survival. *Oceanic Linguistics* 31/2, 1992, p. 163-180.
- \_\_\_\_\_. On the Relationship between linguistic and biological diversity. In: Myers, D. (org.). *The Politics of Multiculturalism in Asia and the Pacific*. Darwin: Northern Territory U.P., 1995.
- \_\_\_\_\_. *Linguistic Ecology. Language change and linguistic imperialism in the Pacific Region*. Londres, Nova York: Routledge, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Humboldt, Whorf and the Roots of Ecolinguistics*. LAUD working paper. Ser. A, 442. Essen: LAUD, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Language of Environment – Environment of Language*. Londres: Battlebridge, 2003.

## ECO-REBEL

NETTLE, D. Explaining global patterns of language diversity. *Journal of Anthropological Archaeology* 17, 1998, p. 354-374.

\_\_\_\_\_; Romaine, Suzanne. *Vanishing Voices. The Extinction of the World's Languages*. Oxford: OUP, 2000.

PHILLIPSON, R. *English-Only Europe? Challenging Language Policy*. London, New York: Routledge, 2003.

SALZINGER, K. Ecolinguistics: A radical behavior theory approach to language behavior. In: Aaronson, Doris; Rieber, Robert W. (orgs.) *Psycholinguistic research: Implications and applications*. Nova York: Erlbaum, 1979, p. 109-129.

SCHULTZ, B. Language and the Natural Environment. In: Fill, Alwin; Mühlhäusler, Peter (orgs.), 2001, p. 109-114 (publicado primeiro em 1992).

SUTHERLAND, W J.. Parallel extinction risk and global distribution of languages and species. *Nature* 423, 2003, p. 276-279 (Cartas a *Nature*, 15/03/2003).

VERHAGEN, F. Ecolinguistics: Context, Contours, Constraints, Challenges. Nova York: Sociological Energy Services International, 1991.

\_\_\_\_\_. Ecolinguistics: a Retrospect and a Prospect. In: Kettemann, B.; Marko, G. (orgs.). *ECONstructing Language, Nature and Society. The Ecolinguistic Project Revisited*. Tübingen: Stauffenburg, 2000, p. 33-48.

VOEGELIN, Carl F.; Voegelin, Florence Marie. "Languages of the World. Native America Fascicle One," *Anthropological Linguistics* v. 6, n. 6, 1964, p. 2-45.

(Este texto está também no livro *O paradigma ecológico nas ciências da linguagem: Coletânea de ensaios clássicos e contemporâneos*, Goiânia: Editora da UFG, 2015, organizado por Hildo H. do Couto, Elza K.N.N. do Couto, Gilberto P. de Araújo & Davi B. de Albuquerque).

**Texto convidado.**

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 1, n. 1, 2015.